



SEÇÃO DO PROFESSOR





O QUE OS PROFESSORES TÊM A DIZER SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA UNIVERSIDADE

LÍLIA REGINA FERREIRA MICHELS
MICHELLY DO ROCIO DELLECAVE**

Resumo

Nesta pesquisa, buscamos analisar as condições de oferta do ensino inclusivo na universidade, na perspectiva dos professores. Participaram deste estudo nove professores de uma Universidade de Santa Catarina, que tinham alunos com necessidades especiais em sala de aula. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, que utilizou para a coleta dos dados a entrevista estruturada, gravada em áudio e transcrita integralmente. Para a análise dos dados utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin (1991). As análises empreendidas indicam que os professores necessitam de mais subsídios que garantam a qualidade da prática inclusiva, uma vez que apresentam muitas dificuldades ao lidar com o aluno com necessidades especiais em sala de aula. As dificuldades apontadas referem-se à seleção de estratégias de ensino e avaliação. Os educadores devem se conscientizar do seu papel no processo inclusivo, sendo aquele que media as relações do processo de ensino-aprendizagem, para que busquem incluir os alunos, afastando o preconceito e contribuindo com um ensino de qualidade. A universidade demonstrou favorecer a inclusão, mas o caminho é longo para que se efetivem as transformações necessárias no sentido de promover a educação para todos.

*Docente da UNIVALI.
Doutoranda em
Psicologia da Educação –
PUC-SP. E-mail:
lisia@univali.br

**Aluna do Curso de
Psicologia da
Universidade do Vale do
Itajaí. E-mail:
mi_psico@yahoo.com.br

Abstract

In this study, we seek to analyze the conditions of the offer of inclusive education in the university, from the teachers' perspective. The study focused on the

perspectives of nine teachers working in a university in the State of Santa Catarina, who had students with special needs in their classrooms. It takes a qualitative research approach, using structured interviews for the data collection, which were audio-taped and transcribed in full. For the data analysis, the technique of content analysis was used, according to Bardin (1991). The analyses carried out indicate that the teachers require more resources that will guarantee the quality of inclusive practice, since they experience many difficulties when dealing with students with special needs in the classroom. The difficulties mentioned include the selection of teaching and assessment strategies. The educators should be aware of their role in the process of inclusion, as agents for mediating the relations of the teaching-learning process, so that they seek to include the students, shunning prejudice and contributing to a quality teaching practice. The university proved favorable to inclusion, but there is still a long way to go before the necessary transformations are realized, in order to promote education for all.

Palavras-chave

Inclusão; professores; universidade.

Key-words

Inclusion; teachers; university.

Introdução

A educação inclusiva é um tema muito pesquisado e discutido atualmente. Porém, a inclusão de alunos com necessidades especiais no Ensino Superior é uma problemática mais esquecida, já que a literatura existente aborda, predominantemente, a inclusão de alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio.

A educação especial surgiu no final do século XVIII e início do século XIX, com a institucionalização das pessoas com necessidades especiais em centros especializados mais em assistência do que em educação. Neste período, denominado de segregação, criaram-se as escolas especiais, que tinham como objetivo isolar e separar essas crianças da sociedade. Somente no século XX, com a desinstitucionalização, ocorreu a integração dos alunos com necessidades especiais em escolas regulares (CARDOSO, 2003).

Com a necessidade de reafirmar o direito de educação para todos, em 10 de junho de 1994, representantes de 92 países e 25 organizações internacionais, realizaram a Conferência Mundial de Educação, na Espanha, na qual foi aprovada a Declaração de Salamanca. Nesta declaração, representantes dos governos presentes se comprometeram em assegurar que a educação de pessoas com necessidades especiais seja parte integrante do sistema educacional (MICHELS e SARRIERA, 2000).

Desse modo, a Educação Inclusiva tem o objetivo de incluir os alunos com necessidades especiais no sistema regular de ensino, sendo que a instituição deve se adaptar às necessidades dos alunos, para promover uma educação para todos.

As escolas e universidades devem encarar a inclusão como um benefício para a instituição, para os professores, para os alunos e para a sociedade. Sendo a escola regular um ambiente enriquecedor e estimulante para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do aluno, traz benefícios na comunicação, socialização, auto-estima e aprendizagem dos alunos com necessidades especiais (BARBOSA, 1999). Neste espaço, os alunos aprendem a valorizar e tolerar as diferenças, sendo menos propícios à discriminação; os professores instruem-se a como agir e interagir com os alunos com necessidades especiais, aprendem a cooperar e apoiar os outros professores e melhoram suas habilidades profissionais; e a sociedade promove uma aceitação ampla das diferenças, trazendo a paz e a cooperação (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

Considerando os benefícios desencadeados para a formação de uma escola inclusiva, a relevância social deste trabalho fica evidenciada à medida que se pretende refletir com os professores do Ensino Superior, que têm alunos com necessidades especiais em sala de aula, o seu papel neste processo de inclusão.

Este trabalho teve como objetivo geral analisar as condições de oferta do ensino inclusivo na universidade, na perspectiva dos professores. Os objetivos específicos foram: verificar a percepção dos professores sobre o ensino inclusivo; identificar as estratégias utilizadas pelos professores que favorecem a inclusão; identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores; e analisar as ações desencadeadas pela universidade para capacitar os professores para o ensino inclusivo.

Educação inclusiva

A educação inclusiva é um sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos, independentemente de suas necessidades. É um movimento que questiona as práticas de exclusão e considera as diferenças como algo inerente aos seres humanos. “A educação é uma questão de direitos humanos, e os indivíduos com deficiências devem fazer parte das escolas, as quais devem modificar seu funcionamento para incluir todos os alunos” (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p. 21).

A LDB/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) é um instrumento que define os objetivos, prioridades e condições ou meios que devem reger a

política educacional do país e, no capítulo V, ela dá ênfase à inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular, ressaltando a necessidade de apoio para atender às possíveis demandas decorrentes desse processo (DEL PRETE, 1999).

De acordo com Michels e Díaz (2001) a instituição de ensino regular deve ter apoio, recursos, programas integrados, criação de currículos, processos de avaliação e educadores com novas atitudes e competências. O acesso físico deve ser facilitado, com rampas, material didático adequado, inovação tecnológica e recursos audiovisuais, para facilitar a integração dos alunos nas classes regulares de ensino.

Para obter sucesso no processo de inclusão, a instituição deve adaptar-se para melhor atender a todos os alunos, modificando desde o aspecto físico até a metodologia psicopedagógica, oferecendo apoio, treinamento e suporte aos professores, pais e alunos.

O papel do professor na inclusão

Os professores, agentes ativos no processo de ensino-aprendizagem, devem estar orientados tecnicamente para a construção do ensino, já que os alunos com necessidades especiais não devem ser inseridos nas salas de aula regular sem a devida preparação dos educadores. Michels e Díaz (2001) salientam que as instituições de ensino devem investir na formação dos professores, para que eles estejam preparados para lidar com as diferenças em sala de aula.

A Resolução CNE/CEB (Art. 18, § 1º) refere-se ao perfil do docente para atuar na educação inclusiva e só considera capacitados para atuar neste contexto os profissionais que tiverem em sua formação conteúdos ou disciplinas sobre educação especial. De acordo com essa resolução, os professores têm que desenvolver competências para: perceber as necessidades educacionais dos alunos, flexibilizar a ação pedagógica nas diferentes áreas do conhecimento, avaliar continuamente a eficácia do processo educativo e atuar em equipe que conte também com professores especializados em educação especial (ROCHA et al., 2003).

Desse modo, é preciso desenvolver novas ações com os educadores, para que estes possam estar preparados para atender às necessidades dos alunos e contribuir para uma formação com qualidade.

Prática inclusiva na universidade

Todas as universidades devem garantir o ingresso e a permanência dos alunos com necessidades especiais em suas classes regulares. O ingresso consiste na

passagem pelo vestibular e a permanência é a continuidade dos estudos com qualidade, por meio dos recursos e apoios oferecidos pela universidade (OLIVEIRA; CARMO, 2003).

O vestibular para as pessoas com necessidades especiais deve ser adaptado, oferecendo condições adequadas para a realização da prova. Michels e Sarriera (2000) enfatizam que o local da realização do vestibular tem que ser apropriado, os fiscais devem estar instrumentalizados quanto às questões psicopedagógicas e deve haver recursos tecnológicos específicos para cada necessidade especial, como provas em braille ou ampliadas. A universidade deve se preocupar, também, com a permanência desses alunos em sua instituição, dando subsídios que garantam condições adequadas para a conclusão do curso de graduação. Isso diz respeito a acesso físico facilitado, apoios, adaptação da metodologia psicopedagógica e educadores com novas atitudes e competências.

As instituições de Ensino Superior devem garantir um ensino de qualidade a todos os indivíduos, inclusive àqueles com necessidades especiais.

Redes de apoio

Devido às necessidades dos alunos e dos professores no processo de educação inclusiva, é importante as escolas e universidades desenvolverem redes de apoio.

A criação dessas redes de apoio, podendo ser chamadas, também, de serviços de apoio, é um passo importante no processo inclusivo, tanto para os professores quanto para os alunos que necessitam de estímulo e assistência. Os professores têm oportunidades para falar e esclarecer suas dúvidas e dificuldades acerca do processo de inclusão, trocando experiências e, assim, aperfeiçoando sua prática. Podem ser constituídos por diversos profissionais, assim como por alunos sem necessidades especiais, pois além de propiciarem situações amigáveis, de aceitação, assistência e encorajamento, conseguirão formular o que é necessário fazer para ajudar o outro colega (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

Uma equipe de apoio é um grupo de pessoas que se reúne para debater, resolver problemas e trocar idéias, métodos, técnicas e atividades para ajudar os professores e/ou os alunos a conseguirem o apoio de que necessitam para serem bem-sucedidos em seus papéis (Ibid, p. 74).

A rede de apoio é uma ação interdisciplinar que aponta os caminhos e constrói possibilidades de apoio e tecnologia, que garante a permanência dos alunos com necessidades especiais na universidade (OLIVEIRA; CARMO, 2003).

A escola ideal é aquela que pratica a inclusão, que oferece apoio aos professores e aos alunos com necessidades especiais, que respeita as diferenças individuais e estimula as potencialidades dos alunos.

Aspectos metodológicos

A presente pesquisa utilizou-se do método qualitativo com a finalidade de se obter um maior detalhamento e aprofundamento sobre o tema, uma vez que neste método pode-se obter uma maior descrição sobre os dados coletados. Uma das características do método qualitativo, segundo Lüdke e André (1986), é a descrição da perspectiva dos participantes, que é o foco principal desta pesquisa.

Participaram da pesquisa nove professores de uma Universidade de Santa Catarina, que ministravam aulas no Ensino Superior e que possuíam alunos com necessidades especiais em sala de aula.

Uma relação de nove alunos com necessidades especiais foi fornecida pelo serviço de apoio da universidade pesquisada. Em seguida, foi realizado um levantamento de quais eram seus educadores, tendo sido identificado um total de 44 professores. Destes, foram escolhidos aleatoriamente, através de sorteio, os nove sujeitos da pesquisa. Dos nove professores, três eram do Curso de Psicologia, um do Curso de Medicina, um de Ciências da Computação, dois de Direito, um de Pedagogia e um de Administração.

Para a coleta de dados desta pesquisa foi utilizada como instrumento a entrevista estruturada. De acordo com Lüdke e André (1986), a entrevista estruturada aproxima-se muito da aplicação de um questionário, mas com a vantagem de se ter o entrevistador presente para esclarecimento, correção ou adaptação. Ela permite uma maior confiabilidade das informações, uma vez que se encontra dentro de uma estrutura de perguntas previamente formuladas.

A coleta dos dados foi realizada na própria universidade. Os sujeitos escolhidos foram convidados a participar da pesquisa, em horário e local marcado previamente, de acordo com a disponibilidade do entrevistado.

Para a análise dos dados coletados na pesquisa, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin (1991). A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que analisam as comunicações e que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever o conteúdo das mensagens. Ela “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (BARDIN, 1991, p. 44).

Apresentação e discussão dos resultados

Com os dados obtidos a partir das entrevistas, emergiram seis categorias e duas subcategorias, que serão apresentadas a seguir.

Concepção dos professores sobre ensino inclusivo

Esta primeira categoria refere-se ao que os professores entendem sobre o ensino inclusivo. Pôde-se constatar que a maioria dos entrevistados aprova a educação inclusiva, porém, muitos demonstraram que encontram dificuldades para a realização das práticas inclusivas.

Um(a) professor(a) relatou que em sua concepção, o aluno com necessidades especiais deve ser educado separadamente, de maneira diferente dos outros alunos: “[...] Ele é surdo e mudo. Em função dele você tem que deixar de lado, determinado momento da aula, quarenta, cinquenta acadêmicos, para dar atenção para ele” (Informação verbal)¹.

De acordo com MANTOAN (2003, p. 70) o sucesso na aprendizagem está em “ensinar atendendo às diferenças dos alunos, mas sem diferenciar o ensino para cada um” e isso só é possível quando se adota “uma pedagogia ativa, dialógica, interativa, integradora”.

Diferenciar o atendimento dos alunos com necessidades especiais pode aumentar as diferenças e a discriminação. Na história da educação brasileira, os alunos com necessidades especiais já foram excluídos nas classes especiais. Percebemos que ainda está presente no discurso do professor esta possibilidade de atendimento exclusivo e excludente.

Dificuldades encontradas

Nesta categoria, foram identificadas as dificuldades que os professores enfrentam para incluir o aluno com necessidades especiais em sala de aula, como se destaca nas falas a seguir:

Bom, a minha dificuldade maior, é que a gente não tem um treinamento adequado, à medida em que você convive com um aluno cego, né?(Informação verbal)².

[...] mas para gente que não tem preparação é muito difícil. Eu não tenho preparo. Às vezes, assim, você quer solicitar, e eu não sei até que ponto ele consegue me acessar (Informação verbal)³.

¹ Entrevistado 6.

² Entrevistado 7.

³ Entrevistado 8.

A maior dificuldade dos professores diz respeito à falta de preparo para lidar com esses alunos em sala de aula. O preparo dos educadores é de extrema importância, pois são eles que têm a responsabilidade de conduzir o processo de ensino-aprendizagem. “O professor deve ser capaz de se conceber como agente

de mudanças do contexto social, já que seu papel extrapola o de mero repassador de conhecimentos para se transformar, sobretudo, em formador de cidadãos” (BRASIL, 1994, p. 32).

Os processos de aprendizagem a serem desencadeados por uma universidade que pretende acolher a diversidade, supõem, necessariamente, a proposição de atividades que possibilitem a elaboração conceitual do conteúdo, num tratamento histórico-cultural. Isso significa possibilitar aos alunos que se deparem com novos conhecimentos, oferecendo e destacando contextos diversos, que auxiliam nas suas rotinas e, conseqüentemente, na dinâmica da história. Nesta perspectiva, destacamos o papel do professor mediador, que deve re-significar seus conceitos sobre aprendizagem, dando lugar à diversidade presente nos espaços escolares.

Estratégias utilizadas

Nesta categoria foram identificadas as estratégias utilizadas pelos professores frente à inclusão educacional. Os professores têm consciência da necessidade de empregar métodos e técnicas diferenciadas, que facilitem a aprendizagem do aluno com necessidades especiais, mas apresentam dificuldades quanto à utilização de estratégias diferenciadas.

Quando o aluno tem problema de visão eu tento falar mais alto, mais claro, em direção a ele, fazer as provas diferentes para ele (Informação verbal)⁴.

Os professores devem estar capacitados para a escolha das estratégias mais adequadas, visto que a maioria dos professores necessita de uma capacitação formal para saber lidar com situações diferenciadas. As capacitações devem desenvolver nos professores habilidades como: conhecer as necessidades dos alunos, saber como usar métodos de ensino que promovam a aprendizagem dos alunos individualmente e da turma como um todo, saber como usar os métodos de ensino que maximizam o comportamento dos alunos nas tarefas e saber como usar uma grande variedade de métodos (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

Destaca-se, a seguir, a estratégia utilizada pelo entrevistado 3 com os alunos com necessidades especiais:

Por enquanto estou agindo assim, sem fazer nenhum tratamento especial, estou dando minha aula normal [...] todas as folhas do trabalho eu entrego para ele também, porque eu acho que ele tem que ter essa folha, tem que ter os materiais, mesmo que ele não possa ‘tá lendo, mas enfim, ele recebe como os outros alunos (Informação verbal)⁵.

Percebe-se que esse(a) professor(a) tenta ocultar a necessidade especial do aluno, tratando-o como “normal”. De acordo Stainback e Stainback (1999) os alunos com necessidades especiais devem ser aceitos como são, com suas peculiaridades e necessidades educacionais individuais.

⁴ Entrevistado 9.

⁵ Entrevistado 3.

As diferenças são inerentes aos seres humanos e para respeitar uma pessoa com necessidades especiais, é preciso, primeiramente, assumir que a deficiência existe, pois ignorar sua presença é uma forma de preconceito e descaso (FERREIRA, 2003). Consideramos que as diferenças são normais, mas as desigualdades são produzidas historicamente e socialmente.

Sugestões

Esta categoria se refere às sugestões dos professores para que ocorra a inclusão. A maioria dos entrevistados ofereceu sugestões para a melhoria do ensino inclusivo na universidade. As sugestões apresentadas foram palestras, capacitações e atividades voltadas para o ensino e preparo do professor.

Então, é, acho que tinha que ter uma capacitação pro professor [...] no início do ano, na reunião docente, fazer um preparo com o professor (Informação verbal)⁶.

Mantoan (2003) aponta que muitos professores utilizam-se do argumento de não estarem preparados para a prática inclusiva quando querem, na verdade, resistir à inclusão. É preciso sim continuar investindo em formação para os professores, porém, não se esquecendo que ensinar na perspectiva inclusiva “significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas” (MANTOAN, 2003, p.81).

Se de um lado, percebemos que os professores esperam que lhes seja dado um esquema predefinido de como trabalhar com esses alunos em sala de aula e como resolver seus problemas; compreendemos que a educação inclusiva na universidade é um movimento novo e as políticas de inclusão estão em implantação.

Ações desencadeadas pela universidade

Essa categoria se refere às ações que a universidade propõe para a inclusão dos alunos com necessidades especiais.

⁶ Entrevistado 2.

Na verdade nós tivemos uma formação continuada. Uma palestra, enfim, sobre isso, mas me parece insuficiente. A estrutura física é ruim, só tem rampas em alguns prédios (Informação verbal)⁷.

⁷ Entrevistado 3.

A universidade vem investindo na formação continuada para favorecer a educação inclusiva, como foi evidenciado nas entrevistas com os professores. Mas a estrutura física não atende aos padrões mínimos de acessibilidade às pessoas com necessidades especiais.

Um dos aspectos importantes para que haja a inclusão dos alunos com necessidades especiais é a adaptação da estrutura física da instituição de ensino regular. Michels e Sarriera (2000), ao analisarem a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino superior, indicam que o ambiente deve estar preparado para os cegos com sonorização, piso tátil e ambiente sensorial com boa acústica; para os surdos é necessário disponibilizar alarmes visuais; para as pessoas com deficiência física, preparar o ambiente com barras de apoio, rampas e elevadores.

Serviço de apoio

A universidade pesquisada possui um serviço de apoio voltado ao atendimento de professores e alunos com necessidades especiais. O referido serviço tem como objetivo desencadear ações voltadas para a educação inclusiva, que abrange desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. De acordo com os entrevistados, este setor contribui para a inclusão educacional: “[...] me ajudaram a fazer a prova, como fazer, é (pausa) transcrever a prova, eles mesmos fizeram a técnica braille” (Informação verbal)⁸.

Esse serviço de apoio desenvolvido na universidade oferece técnicas e instrumentos, assim como apoio, preparo e suporte ao professor e ao aluno. É importante que todas as escolas e universidades desenvolvam serviços de apoio, devido às necessidades existentes no processo de educação inclusiva.

Cosme (1997) aponta que o apoio oferecido pelas instituições de ensino é o mais adequado para a construção de uma escola democrática e para o desenvolvimento de uma escola inclusiva, na medida em que incentiva a ação conjunta e a multiprofissional, capaz de possibilitar a troca de saberes e de experiências profissionais.

Avaliação do apoio

Esta categoria refere-se à avaliação do apoio oferecido pela universidade. Foi perguntado aos professores se o apoio tem suprido as suas reais necessidades e a maioria dos entrevistados considerou que o essencial está sendo oferecido, porém, muitos deixam claro que necessitam de mais apoio.

⁸ Entrevistado 1.

Não sei se é suficiente, mas eu digo assim, o mínimo necessário está sendo feito (Informação verbal)⁹.

É essencial uma boa formação profissional, visto que são vários os desafios enfrentados pelos educadores, que devem conhecer as especificidades de todos os alunos, considerar suas necessidades, trabalhar de forma homogênea, orientar os alunos a aceitarem os colegas com necessidades especiais e os ajudarem (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

Desconhecimento do apoio

Ao serem questionados sobre o apoio oferecido pela universidade, alguns professores demonstraram desconhecimento deste serviço, como se destaca nas falas:

[..] falta conhecimento para nós e falta tecnologia também, eu acho, tem aluno que talvez pudesse se sair melhor se tivesse um computador lap top, se tivesse livros em braille, por exemplo, né? A universidade não tem isso, a pessoa tem que buscar fora, eu acho, me parece (Informação verbal)¹⁰.

A gente não tem disponível em braille, sabe-se que a universidade trabalha com algumas coisas né? Mas não tem todos os materiais (Informação verbal)¹¹.

Como foi possível deprender das falas desses professores, falta informação sobre os diversos materiais e técnicas adaptadas aos alunos com necessidades especiais, oferecidas pela universidade; assim como desconhecem o serviço de apoio presente na instituição pesquisada. Isto reflete duas questões: A primeira, será que estes professores estão comprometidos com a educação para todos? A segunda, será que o serviço de apoio é acessível a todos os professores?

Para que se tenham escolas realmente inclusivas, os professores devem estar comprometidos com a universidade, com a aprendizagem e o desenvolvimento de seus alunos e atentos às suas diversidades, para que essas diferenças não se tornem causa da evasão e exclusão escolar (FERREIRA, 2003).

Considerações finais

⁹ Entrevistado 2.

¹⁰ Entrevistado 2. Com base nos objetivos da pesquisa, pode-se inferir que a universidade tem se mobilizado e contribuído para a prática inclusiva, oferecendo instrumentos, serviços de apoio, formação continuada, entre outros. Entretanto, seria necessário revisar os métodos empregados pelo serviço de apoio, visto que este foi mencionado

¹¹ Entrevistado 3.

por alguns entrevistados como insuficiente, e outros, ainda, mostraram total desconhecimento acerca desse serviço. Diante destes dados sugerimos que o serviço de apoio divulgue maciçamente suas ações e amplie o seu quadro de professores especialistas em educação inclusiva.

No entanto, existem muitos educadores que esperam que a universidade os procure com informações e materiais prontos, que simplesmente possam repassar aos alunos. São muitos os professores que integram o quadro docente de uma universidade. É necessário que os professores se conscientizem da necessidade de buscarem, dentro e fora da instituição, subsídios que garantam a qualidade da sua prática de ensino para todos os alunos.

A maioria dos professores entrevistados relataram as estratégias que utilizam com os alunos com necessidades especiais, demonstrando que mesmo com toda dificuldade existente, alguns têm consciência de que necessitam adaptar-se às necessidades dos alunos, para que se possa realmente ter uma educação inclusiva.

A universidade demonstrou favorecer a inclusão, mas o caminho é longo para que se efetivem as transformações necessárias no sentido de promover a educação para todos. Ressaltamos que a instituição pesquisada é uma das raras instituições de ensino que oferece um serviço especializado para a prática inclusiva. No entanto, é preciso desenvolver novas ações aos educadores, uma ampla divulgação do serviço de apoio, uma campanha de conscientização sobre as inclusão na universidade, para que todos possam estar preparados para atender às necessidades dos alunos, garantindo, assim, uma formação de qualidade.

Referências

BARBOSA, H. **Por que inclusão?** Disponível em: <<http://www.inclusao.com.br>> Rio de Janeiro, 1999. Acesso em: 12 de agosto de 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

BRASIL. Secretaria de educação especial. **Educação especial no Brasil**. Série Institucional 2/MEC/SEESP. Brasília: a secretaria, 1994.

CARDOSO, M.S. Aspectos históricos da educação especial: da exclusão à inclusão – uma longa caminhada. In: STOBÄUS, C.D.; MOSQUERA, J.J.M. **Educação especial: em direção à educação inclusiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 15-26.

COSME, A. **Escola inclusiva**. Extraído da comunicação apresentada ao Seminário: Autonomia para a escola democrática. Lisboa, nov. 1997. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=338>> Acesso em: 05 maio 2005.

DEL PRETE, Z.A.P. Psicologia, educação e LDB: novos desafios para velhas questões? In: GUZZO, R.S.L. **Psicologia escolar: LDB e educação hoje**. Campinas, SP: Alínea, 1999. p.11-34.

FERREIRA, S.L. Diversidade e ensino superior: a universidade estadual de Londrina na

construção de uma “sociedade para todos”. In: MARQUEZINE, M.C. *et al* (Org.). **Inclusão**. Londrina: Eduel, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MICHELS, L.R.F.; DÍAZ, G.A. **A inclusão da pessoa portadora de necessidades especiais: perspectiva dos funcionários**. Relatório final de pesquisa do Programa Bolsa de Iniciação Científica – PROBIC, Itajaí, 2001.

MICHELS, L.R.F.; SARRIERA, J.C. A inclusão/exclusão da pessoa portadora de necessidades especiais no contexto universitário. **Alcance**, Itajaí, v.7, n.5, p.05-16. dez. 2000.

OLIVEIRA, E.T.G.; CARMO, L.H.M. Uma proposta de serviço social para estudante com necessidade educacional especial na universidade estadual de Londrina. In: MARQUEZINE, M.C. *et al* (Org.). **Inclusão**. Londrina: Eduel, 2003.

ROCHA, M.S.; MARQUEZINE, M.C.; SANCHES, S.F. A inclusão do aluno portador de deficiência mental no ensino regular: percepções de docentes no ensino regular e especial frente a esse processo. In: MARQUEZINE, M.C. *et al*. (Org.). **Inclusão**. Londrina: Eduel, 2003.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

